

**A hifenização pode ser sufocante para as mulheres: a diáspora caribenha gendrada em  
*How the García girls lost their accents*, de Julia Alvarez**

**Hyphenation may suffocate women: Caribbean gendered diaspora in Julia Alvarez's  
*How the García girls lost their accents***

Tito Matias Ferreira Junior (IFRN)\*

**Resumo:** O romance *How the García girls lost their accents*, de Julia Alvarez, descreve a vida de quatro meninas: Carla, Sandra, Yolanda e Sofía García, que foram forçadas a migrar para os EUA por causa do exílio de seu pai, Carlos García. Devido ao exílio, as irmãs García parecem adquirir uma nova percepção sobre sua condição diaspórica, pois as personagens de *How the García girls lost their accents* experimentam jornadas múltiplas, uma vez que começam a vivenciar uma nova existência nos EUA, algumas na infância e outras na adolescência. Com isso, elas passam a negociar entre sua porção caribenha e sua porção estadunidense. Ademais, com o passar do tempo, Carla, Sandra, Yolanda e Sofia passam a adquirir alguns costumes, comportamentos e o modo de pensar da sociedade estadunidense. Assim, a identificação das irmãs García com a forma de pensar estadunidense faz com que elas comecem a vivenciar embate entre gêneros, uma vez que elas têm que lidar com a dominação masculina e com atitudes sexistas em relação às mulheres tanto na República Dominicana quanto nos EUA. O objetivo deste estudo é problematizar a relação de convivência entre gêneros na ficção alvareziana, sob o prisma da diáspora, uma vez que deixar a sua terra natal e se instalar em terras forasteiras como consequência do movimento de imigração pode provocar transformações na vida de um indivíduo, neste caso, das mulheres da obra, pois tal sujeito pode começar a enxergar o mundo com outros olhos, e, principalmente, na situação das irmãs García, percebê-lo sob um viés machista, misógino e excludente.

**Palavras-chave:** Hifenização. Diáspora. Gênero. Ficção. Julia Alvarez.

**Abstract:** Julia Alvarez's novel *How the García girls lost their accents* depicts the lives of four girls: Carla, Sandra, Yolanda and Sofía García, who were forced to immigrate to the US because of the exile of their father, Carlos García. Due to exile, the García sisters seem to get a new perception of their diasporic condition, as the characters from *How the García girls lost their accents* experience multiple journeys, once they begin to experience a new life in the US, some in childhood and others in their teenage years. For that matter, they must come to terms with the negotiation of their Caribbean and American selves. Furthermore, over time, Carla, Sandra, Yolanda and Sofia start to behave and think like their American acquaintances. Thus, the identification of the García sisters with the American society bring about clashes between genders, since they must deal with male domination and sexist attitudes towards women both in the Dominican Republic and in the US. The aim of this study is to discuss the relationships between genders in the Julia Alvarez's fiction towards the perspective of diaspora, for leaving one's homeland and settling in foreign lands due to immigration may affect one's live as well as allow them to see the world with different eyes. Most importantly in the García girls' fictional

---

\* Professor de Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: [tito.matias@ifrn.edu.br](mailto:tito.matias@ifrn.edu.br).

experiences, which may enable them to perceive the world under a sexist, misogynistic and excluding bias.

**Keywords:** Hyphenation. Diaspora. Gender. Fiction. Julia Alvarez.

[...] *What kind of woman are you? I wish I knew, I say, I wish I knew and could just put it into words.*

(ALVAREZ, 1984, p. 69)

O romance *How the García girls lost their accents*, de Julia Alvarez, descreve a vida de quatro meninas: Carla, Sandra, Yolanda e Sofía García, que foram forçadas a migrar para os EUA por causa do exílio de seu pai, Carlos García. O Sr. García participou de uma conspiração para derrubar a ditadura de Rafael Trujillo, um dos períodos mais corruptos e opressores da República Dominicana. Devido ao exílio, as irmãs García adquirem uma nova percepção sobre sua condição diaspórica. Avtar Brah (1996, p. 181) afirma que a palavra diáspora “[...] embodies a notion of a centre, a locus, a ‘home, from where the dispersion occurs. It evokes images of multiple journeys<sup>1</sup>”

As personagens de *How the García girls lost their accents* também experimentam jornadas múltiplas, uma vez que começam a vivenciar uma nova existência nos EUA, algumas na infância e outras na adolescência. Com isso, elas passam a negociar entre sua porção caribenha e sua porção estadunidense, buscando por suas identidades. Por toda a obra elas passam por situações que um imigrante possivelmente pode experimentar nessa nova localidade: a aquisição da língua local – o inglês –; o contato com os estadunidenses e sua sociedade; a manutenção de suas tradições de origem, apesar da tendência à assimilação da cultura estadunidense e o consequente processo de se tornarem bilíngues; assim como o enfrentamento com o passado que parece assombrar a família García.

A experiência da família García é indubitavelmente paradigmática para o processo de imigração de outros grupos. A condição do imigrante, retratada em *How the García girls lost their accents*, tem sido bastante discutida por escritores contemporâneos, tais como Salman Rushdie, Michael Ondaatje, Bharati Mukherjee, Marjorie Agosin, entre outros, dado que uma

---

<sup>1</sup> [...] incorpora uma noção de um centro, um *locus*, uma ‘casa’ de onde a dispersão ocorre. Evoca imagens de jornadas múltiplas (BRAH, 1996, p. 181, tradução nossa).

preocupação relevante da escrita de imigrantes é o indivíduo considerado como “outro” no contexto hegemônico social. Para Sonia Torres (2001), o mundo tem vivido um momento de reorganização de fronteiras nacionais devido ao impacto da globalização (TORRES, 2001). Por consequência, a noção de identidade também tem mudado: no século XIX, os latino-americanos queriam se livrar dos parâmetros europeus; já no século XX, a identidade latino-americana tem sido marcada pelo impacto do neocolonialismo estadunidense em seus países:

O neocolonialismo, a nova máscara que aterroriza os países do Terceiro Mundo em pleno século XX, é o estabelecimento gradual num país de valores rejeitados pela metrópole, é a exportação de objetos fora de moda na sociedade neocolonialista, transformada hoje no centro da sociedade de consumo. Hoje, quando a palavra de ordem é dada pelos tecnocratas, o desequilíbrio científico, pré-fabricado; a inferioridade é controlada pelas mãos que manipulam a generosidade e o poder, o poder e o preconceito (SANTIAGO, 2000, p. 15).

As identidades e, por consequência, a cultura dos países latino-americanos do século passam a ser construídas a partir de seu relacionamento com a nova ordem hegemônica de poder transferida para os Estados Unidos devido à impactante influência econômica, social e cultural sob outros países. Nesse sentido, Torres (2001) ressalta que:

Edward Said postula a impossibilidade de se estudar “cultura” sem associá-la ao imperialismo, porque uma das características do mundo contemporâneo é o fato dele ter produzido mais refugiados, migrantes e exilados do que qualquer outra época da história, a maioria em consequência dos grandes conflitos pós-coloniais (e neocoloniais, no caso dos EUA) e imperialistas, resultando em uma superposição de territórios, em um entrelaçamento das diferentes histórias, tanto da cultura dominante quanto das subculturas que compartilham o mesmo espaço geográfico. [...] [É], em grande medida, devido aos impérios que as culturas se envolvem umas com as outras, gerando as culturas híbridas, heterogêneas, das nações modernas. [...] [O] entrecruzamento de histórias nacionais, a partir da conquista, da migração e das diásporas dos povos sobre o planeta, gera formas *outras* de contar (TORRES, 2001, p. 10-11, grifo da autora).

Em sua obra, Julia Alvarez possibilita a análise das consequências do discurso neocolonialista estadunidense, que na maioria das vezes silencia a voz dos imigrantes. Segundo Torres (2001),

[...] o rótulo étnico [...] serve como índice da ansiedade de homogeneização [estadunidense], que costuma colocar os seus “outros” sob um mesmo guarda-chuva étnico, sem levar em conta as diferenças nacionais, culturais e raciais desses povos – que, na maior parte das vezes, vivem dentro do território hegemônico porque foram conquistados em sua própria terra (como

é o caso dos mexicanos-americanos, ou chicanos nos EUA), ou porque são exilados políticos ou imigrantes que lá vivem, em consequência da colonização ou da política externa desses países (TORRES, 2001, p. 10).

Ademais, Alvarez é uma escritora que problematiza a situação do imigrante nos EUA, visto que ela escreve sobre imigrantes que foram forçados a abandonar seu país de origem para morar nos Estados Unidos, devido à intervenção da sociedade estadunidense na sua terra natal (FLORES; YÚDICE, 1992):

Yoyo stood before both of them [Carlos and Laura], blocking their views of the soldiers in helicopters landing amid silenced gun reports and explosions [on TV]. A few weeks ago it had been the shores of the Dominican Republic. Now it was the jungles of Southeast Asia they [the United States] were saving<sup>2</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 144).

Assim, Alvarez fornece uma análise crítica sobre os movimentos diaspóricos no mundo atual e as consequências de tais deslocamentos no *locus* de enunciação do sujeito diaspórico (ALVAREZ, 1998). Assim como os membros da família García, em 1960, então com 10 anos de idade, a família Alvarez chegou aos Estados Unidos depois que sua família deixou a República Dominicana devido à ditadura militar que assolava seu país.

Dessa forma, como a família de Julia Alvarez, as personagens fictícias de sua obra vivenciam a mesma experiência de imigração. Com isso, a partir do momento que Alvarez descreve as relações de tal família ficcional, ela enfatiza a maneira que tais relações sofrem mudanças devido à imigração. As relações entre as personagens são exercitadas pelo intermédio de fronteiras culturais, que permitem movimentos e momentos de transição das irmãs García. Com efeito, a escrita de Alvarez propicia a exposição de tais movimentos ao fazer com que sejam exibidos, já que por diversas razões, a voz imigrante tem sido silenciada. Cada personagem do livro revela atitudes diferentes em relação ao exílio que, durante suas vidas, muda suas percepções do que significa ser dominicana, do que significa ser estadunidense e, finalmente, do que é ser dominicana-estadunidense, ou seja, um sujeito hifenizado.

Deixar a sua terra natal e se instalar em terras forasteiras como consequência do movimento de imigração não acarreta somente a ansiedade de não se ter a chance de ver os parentes novamente, mas também provoca transformações na vida de um indivíduo, pois tal sujeito pode começar a perceber o mundo com outros olhos e, na situação das irmãs García,

---

<sup>2</sup> Yoyo parou na frente de ambos [Carlos e Laura], bloqueando os seus olhares dos soldados em helicópteros pousando em meio a relatos de armas silenciosas e explosões [na TV]. Algumas semanas atrás havia sido o litoral da República Dominicana. Agora eram selvas do Sudeste da Ásia que eles [os Estados Unidos] foram salvar (ALVAREZ, 1992, p. 144, tradução nossa).

percebê-lo com uma perspectiva estadunidense. Isso acontece devido ao fato de as García se identificarem com o discurso do local que habitam: os Estados Unidos da América. Para Reis (2011),

[...] o sujeito contemporâneo resulta da articulação e negociação das tradições culturais nativas, [...] e, [...] da tradição cosmopolita que caracteriza a atual sociedade transnacional. Afinal, como afirma Edward Said em *Cultura e Imperialismo*, o projeto expansionista europeu iniciou um processo irreversível de globalização, que põe em destaque a interdependência da história das metrópoles e das colônias, do europeu e do não europeu, dos *centros* e das *periferias*: “Em parte por causa do império, todas as culturas estão interligadas; nenhuma está isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas senão monolíticas (REIS, 2011, p. 24-25, grifos da autora).

Ademais, segundo Stuart Hall (2003, p. 248), a cultura popular, aquela pertencente a uma minoria, está fortemente ligada à “tradição”. Contraditoriamente, mudanças que concernem à tradição dessa minoria acontecem para dar prioridade ao discurso da cultura hegemônica, o centro, já que algumas práticas culturais são aparentemente excluídas do centro e absorvidas pela cultura popular e, com isso, passam a ser ativamente marginalizadas. Da mesma maneira, “[d]e um jeito ou de outro, o “povo” é frequentemente o objeto da “reforma”: geralmente para o seu próprio bem, é lógico – “e na melhor das intenções” (HALL, 2003, p. 248). Com o passar do tempo, Carla, Sandra, Yolanda e Sofia passam a adquirir alguns costumes, comportamentos e o modo de pensar da sociedade estadunidense. Dessa forma, a identificação das irmãs García com a forma de pensar estadunidense faz com que elas comecem a vivenciar embates entre gêneros, uma vez que as García têm que lidar com a dominação masculina e com atitudes sexistas em relação às mulheres na República Dominicana.

Em um dos capítulos do romance intitulado “A Regular Revolution” [“Uma Revolução Lenta”, tradução nossa], Sofia García, a irmã mais nova de Carla, Sandra e Yolanda, vivencia o machismo e a dominação masculina ao ter de passar uma temporada na República Dominicana porque seus pais acreditavam que ela, assim como as suas outras irmãs, precisava redescobrir suas raízes caribenhas. Carlos e Laura García estavam com medo de perder suas filhas para os Estados Unidos porque pensavam que as filhas já haviam se ajustado demais à cultura estadunidense:

And of course, as soon as we had, Mami and Papi got all worried they would lose their girls to America. Things had come down on the island and Papi started making real money in his office up in the Bronx. The next decision was obvious: the four girls would be sent summers to the Island so we

wouldn't lose touch with *la familia*. The hidden agenda was marriage with homeland boys, since everyone knew that once a girl married an American, those grandbabies came out jabbering in English and thinking of the Island as a place to get a suntan<sup>3</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 109, grifo da autora).

Assim, por alguns anos, as irmãs García passavam todo o verão na República Dominicana. Carla, Sandra, Yolanda e Sofía não apreciavam o fato de não poderem escolher por si mesmas como planejar não só seus verões, mas, também os passos de suas vidas. Seus pais gostavam de controlar cada passo das garotas, com medo que elas desonrassem o sobrenome da família tanto na ilha como nos EUA. Aos poucos, as irmãs García tentavam tomar o controle de suas atitudes: “it was a regular revolution: constant skirmishes. Until the time we took open aim and won, and our summers – if not our lives – became our own<sup>4</sup> (ALVAREZ 1992, p. 111).

O último verão em que passaram todas juntas na ilha ainda havia sido marcado pela imposição de Carlos e Laura para que elas viajassem para a República Dominicana. Entediadas por terem que ficar durante todas as férias sob a vigilância de seus familiares dominicanos, Carla, Sandra, Yolanda e Sofía decidem levar um pouco de maconha que Sofía havia adquirido para poder se animar quando o tédio começasse a tomar conta das férias das meninas. Enquanto planejam em seus quartos a melhor maneira de esconder o pacote com a droga de forma satisfatória, para que não fossem barradas na alfândega, as irmãs fazem muito barulho e acabam chamando a atenção de sua mãe. Ao ouvir os passos de Laura García se aproximar do quarto, em um reflexo, Sofía joga o saco com a maconha atrás de uma estante de livros e acaba esquecendo-o lá, sem levá-lo para a República Dominicana.

Depois de chegarem em sua terra natal, tudo corre de maneira tranquila e sem muitas novidades no verão das García. Até que algumas semanas depois de terem saído de Nova Iorque, a mãe delas telefona para a tia das meninas e avisa que chegará em quarenta e oito horas na ilha para resolver um assunto de família:

Tía Carmen came padding out to the pool to tell us our mother was on her way from New York and that she intended to have a *long* talk with us. Tía admitted that yes, something was amiss, but she had promised our mother

---

<sup>3</sup> E, claro, assim que havíamos mais do que nos adaptado aos EUA, Mamãe e Papai ficaram muito preocupados em perder suas filhas para os Estados Unidos. Os ânimos haviam se acalmado na ilha e Papai começou a ganhar bastante dinheiro em seu consultório no Bronx. O próximo passo era óbvio: as quatro meninas passariam os verões na ilha para não perder o contato com *la familia*. O plano oculto era casá-las com rapazes de sua terra natal, já que todo mundo sabia que uma vez que uma garota se casasse com um estadunidense, seus netos sairiam tagarelando em Inglês e pensando na ilha como um lugar para fazer um ótimo bronzeado (ALVAREZ, 1992, p. 109, grifo da autora, tradução nossa).

<sup>4</sup> foi uma lenta revolução: repleta de conflitos. Até o momento em que miramos certamente e ganhamos, e nossos verões – se não as suas vidas – tornaram-se nossa própria posse (ALVAREZ, 1992, p. 11, tradução nossa).

not to say what. Tía was superreligious, and we knew we wouldn't get it out of her if she'd given her word. By way of consolation, she counseled us to "examine your consciousness"<sup>5</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 113, grifo da autora).

As irmãs García começam então a pensar o que causaria a ida de sua mãe de forma tão repentina à República Dominicana. Elas enumeram várias atitudes que haviam cometido e que, certamente, preocupariam Laura, mas em nenhum momento se lembram do pacote de maconha. A esposa de Carlos havia sido avisada pela empregada doméstica da casa que algo estranho se encontrava no quarto de suas filhas. Laura examinou o embrulho e concluiu que suas filhas usavam maconha. A mãe das García é acometida de grandes temores e não para de pensar no que aquilo significaria na vida das meninas:

By the time she [Laura] touched down on the Island forty-eight hours after finding the baggy, we were all addicts, fallen women with married lovers and illegitimate babies on the way. One teensy hope she held on to was that a workman or a house guest had left the pot there. She had to find out the truth, shielding Papi from the news and the heart attack he would surely die of if he knew<sup>6</sup> (ALVAREZ 1992, p. 114-115).

Ao chegar à casa de sua cunhada Carmen, Laura García confronta suas filhas e exige saber a procedência da maconha. As meninas dizem desconhecer o pacote e sem convencer sua mãe, dizem que aquilo é mato. Depois de perceberem que Laura já havia comprovado que o material dentro do pacote era de fato maconha, cada uma de suas filhas afirma que a droga era delas, se valendo do pacto que haviam feito umas com as outras de que permaneceriam unidas em qualquer circunstância problemática como aquela. Como a mãe acredita que uma das filhas deva ter adquirido a maconha de alguma forma para também repassá-la para as outras irmãs, Sofía decide assumir a culpa e pede para que Laura não penalize Carla, Sandra e Yolanda. Laura atende ao pedido da filha caçula e faz com que ela escolha o seu castigo:

Anyhow, she [Laura] agreed that the three oldest of us could go back to our school at the end of the summer. Fifi was given the choice of either staying on the island for a year at Tía Carmen's or going back to the States, but not

---

<sup>5</sup> Tia Carmen foi até a piscina para nos dizer que a nossa mãe estava vindo de Nova Iorque e que tinha a intenção de ter uma *longa* conversa com a gente. Tía admitiu que sim, algo estava errado, mas ela tinha prometido a nossa mãe não nos dizer o quê. Tia era super religiosa, e sabíamos que não a convenceríamos de nos contar algo se ela tivesse dado sua palavra. A título de consolo, ela nos aconselhou a "examinar nossas consciências" (ALVAREZ, 1992, p. 113, grifo da autora, tradução nossa).

<sup>6</sup> Assim que ela [Laura] aterrissasse na ilha 48 horas depois de encontrar o pacote, nós já estaríamos todas viciadas, mulheres perdidas, amantes de homens casados e com bebês ilegítimos a caminho. Uma pequena esperança que ela mantinha era a de que um trabalhador ou um convidado tivesse deixado a maconha lá. Ela tinha que descobrir a verdade, protegendo Papai da notícia e do ataque cardíaco que ele certamente sofreria e depois morreria se soubesse (ALVAREZ, 1992, p. 114-115, tradução nossa).

to her boarding school. She would have to live at home with Mami and Papi and attend the local Catholic school. Fifi opted to stay. Better one of a dozen chaperoned cousins, she figured, than home alone with Mami and Papi breathing down her neck [...]. “Besides, I wanna try it out here. Maybe I’ll like it,” Fifi said, defending her choice to us. As the youngest of the four, she had the least chance to bond to the Island before our abrupt exile almost a decade before. “And besides, the States aren’t making me happy”<sup>7</sup>. (ALVAREZ, 1992, p. 116).

Insatisfeitas com a decisão de Sofia, as outras García tentam convencê-la de que ela não havia feito a melhor escolha. Além disso, elas temem que Sofia comece a se interessar pela vida na ilha e, por perceberem que a experiência da irmã caçula na República Dominicana pudesse dar certo, Carlos e Laura obrigariam as outras filhas a fazer o mesmo que Sofia: “This, of course, is dangerous for the rest of us. With one successfully repatriated daughter, Papi might yank us out of college and send us back [to the Island]<sup>8</sup> (ALVAREZ, 1992, p 117).

No convívio inicial com os familiares que vivem na ilha, Sofia tem que se acostumar com comportamentos caribenhos aos quais ela nunca vivenciara, mesmo tendo crescido em uma família dominicana tradicional e controladora nos Estados Unidos. Isso não parece ter sido algo complicado para Sofia, pois seis meses após ter ido morar na República Dominicana, segundo Laura García, sua filha caçula aparentemente mostra ter se ajustado à vida na ilha:

By Christmas, we were wild for news of Fifi’s exile. From Mami we hear that our sister is beautifully acclimated to life in the Island and taking classes in shorthand and typing at the Ford Foundation trade school. She’s also seeing someone. [...] Not to mention that it’s out and out creepy that Fifi, the maverick is *so* changed. Carla, in fact, says it’s a borderline schizoid response to traumatic cultural displacement<sup>9</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 117, grifo da autora).

---

<sup>7</sup> De qualquer forma, ela [Laura] concordou que as três filhas mais velhas poderiam voltar para a faculdade onde estudavam no final do verão. À Fifi foi dada a escolha de ficar na ilha por um ano com Tia Carmen ou voltar para os Estados Unidos, mas não para o seu colégio interno. Ela teria que viver em casa com a Mamãe e o Papai e frequentar a escola católica próxima a casa dos pais. Fifi optou por ficar. Melhor um de uma dúzia de primos como dama de companhia, ela pensava, do que ficar em casa sozinha com a Mamãe e o Papai respirando em seu pescoço [...]. “Além disso, eu quero experimentar a vida daqui. Talvez eu goste”, disse Fifi, defendendo a sua escolha para nós. Como a mais jovem das quatro, ela teve poucas chances de conhecer a ilha antes do nosso abrupto exílio quase uma década antes. “E, além disso, os Estados Unidos não estão me fazendo feliz”. (ALVAREZ, 1992, p. 116, tradução nossa).

<sup>8</sup> Isto, naturalmente, é perigoso para o resto de nós. Com uma filha repatriada com sucesso, Papai poderia nos arrancar da faculdade e nos enviar de volta [para a ilha] (ALVAREZ, 1992, p 117, tradução nossa).

<sup>9</sup> No Natal, estávamos ávidas por notícias do exílio de Fifi. De Mamãe ouvíamos que nossa irmã estava muito bem adaptada à vida na ilha e tendo aulas de taquigrafia e datilografia na escola de comércio da Fundação Ford. Ela também está saindo com alguém. [...] Sem contar que era muito e bastante assustador que Fifi, a dissidente,



O que Carla considerava um deslocamento cultural traumático era para sua irmã uma consequência natural de seu processo de adaptação aos costumes da República Dominicana. A filha caçula de Carlos e Laura passa a se comportar, se vestir e até pensar como suas primas e tias caribenhas. Essas características chocam as outras irmãs desde o primeiro momento em que elas se reencontram no aeroporto da ilha, após seis meses vivendo em países diferentes:

The minute we step off the plane, we see Mami has not exaggerated. Fifi, there to meet us at the airport, is a jangle of bangles and a cascade of beauty parlor curls held back on one side very smartly by a big gold barrette. She has darkened her lashes with black mascara so that her eyes stand out as if she were slightly startled at her good luck. Fifi – who used to wear her hair in trademark, two Indian braids that she pinned up in the heat like an Austrian milkmaid. Fifi – who always made a point of not wearing makeup or fixing herself up. Now she looks like the *after* person in one of those *before-after* makeovers in magazines. “*Elegante*,” Mami has said of Fifi’s new style, but on our lips are other epithets. “She’s turned into a S.A.P.,” Yoyo mutters. A Spanish-American princess<sup>10</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 117-118, grifos da autora).

Além da grande transformação física de Sofia, seu comportamento também havia sido alterado depois de viver seis meses na ilha. Ela começa a namorar um primo, Manuel Gustavo, que parece ser a versão mais nova de seu pai. Inicialmente Carla, Sandra e Yolanda parecem gostar de Manuel e veem em sua figura o irmão que nunca tiveram. Entretanto, ao se relacionarem mais intimamente com Sofia e Manuel, as irmãs mais velhas do que Sofia notam que a caçula passa a se comportar como a maioria das mulheres dominicanas, portando-se de forma submissa em seu relacionamento com o namorado; deixando-as, de certa forma, preocupadas:

He [Manuel] looks like a handsome young double of Papi and a lot like us, the family eyebrows, the same high cheekbones, the full, generous mouth. In short, he could be the brother we never had. [...] We keep fussing over him, waiting on him as if we’ve never been to the States or read Simone de Beauvoir or planned lives of our own. [...] [But,] lovable Manuel is quite a tyrant, a mini Papi and Mami rolled into one. Fifi can’t wear pants in public. Fifi can’t talk to another man. Fifi can’t leave the house without his

---

estivesse *tão* mudada. Carla, de fato, dizia que a mudança de Sofia era uma esquizóide limítrofe adquirida como uma resposta ao seu deslocamento cultural traumático (ALVAREZ, 1992, p. 117, grifo da autora, tradução nossa).

<sup>10</sup> No minuto em que saímos do avião, vimos que Mamãe não havia exagerado. Fifi, a nossa espera para nos receber no aeroporto, usava um tilintar de pulseiras e uma cascata de cachos feitos no salão de beleza, presos por um lado bem alinhadamente por uma grande fivela de ouro. Ela havia escurecido os cílios com rímel preto de modo que seus olhos se destacavam, como se ela estivesse um pouco assustada com a sua mudança. Fifi – que costumava usar o cabelo como uma marca registrada, duas tranças indianas que ela prendia no calor como uma leiteira austríaca. Fifi – que sempre fez questão de não usar maquiagem ou de se arrumar para sair. Agora, ela se parecia com a versão *depois* transformada de uma participante de um desses concursos de transformações com o *antes e depois* de revistas. “*Elegante*”, Mamãe disse ao se deparar com o novo estilo de Fifi, mas de nossos lábios saíam outros epítetos. “Ela se transformou em uma P.H.A.” Yoyo murmurava. Uma princesa hispano-americana (ALVAREZ, 1992, p. 117-118, grifos da autora, tradução nossa).

permission. And what's most disturbing is that Fifi, feisty, lively Fifi, is letting this man tell her what she can or cannot do<sup>11</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 120-121).

Com isso, as outras García tentavam mostrar a Sofia que na realidade ela era uma estadunidense e não precisa fazer tudo que seu namorado e os outros homens da família impunham a ela. Entretanto, Sofia parecia não se importar com o fato de acatar as ordens de Manuel. Algumas semanas depois de terem chegado à ilha, Carla, Sandra e Yolanda presenciam um episódio que faz com que elas tenham que tomar medidas mais efetivas para tentar acabar com o namoro de Manuel e Sofía. Ao notar que a namorada não foi recepcioná-lo na porta de casa logo após a sua chegada por estar lendo um livro, Manuel tem um ataque de fúria e arranca o livro das mãos da prima:

“This,” Manuel Gustavo says, holding the book up like dirty diaper, “is junk in your head. You have better things to do.” He tosses the book on the coffee table, Fifi pales, though her two bushed-on cheeks blush on. She stands quickly, hands on her hips, eyes narrowing, the Fifi we know and love. “You have no right to tell me what I can and can’t do” “¿Que no?” Manuel challenges. “No!” Fifi asserts. One by one we three sisters exit, cheering Fifi on under our breaths. A few minutes later we hear the pickup roar down the driveway, and Fifi comes sobbing into the bedroom. “Fifi, he asked for it,” we say. “Don’t let him push you around. You’re a free spirit,” we remind her. But within the hour, Fifi is on the phone with Manuelito, pleading for forgiveness<sup>12</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 120-121).

Após o incidente com o livro, as irmãs mais velhas de Sofia percebem que necessitam fazer algo para abrir os olhos da irmã caçula. Elas não concordam com as atitudes do primo Manuel, e a distância da ilha e de seus comportamentos sexistas permitia que elas pudessem compreender melhor o que se passava, pois suas perspectivas eram de mulheres estadunidenses

---

<sup>11</sup> Ele [Manuel] parece uma versão mais jovem e mais atraente do Papai e também é muito parecido com a gente, tem as sobrancelhas da família, as mesmas maçãs do rosto salientes, uma boca grande, generosa. Em suma, ele poderia ser o irmão que nunca tivemos. [...] Nós ficamos bem próximas dele, esperávamos por ele, como se nós nunca tivéssemos ido para os Estados Unidos ou lido Simone de Beauvoir ou planejado nossas próprias vidas. [...] [Mas] o amável Manuel era na verdade um grande tirano, um mini Papai e Mamãe em um só. Fifi não podia usar calças jeans em público. Fifi não podia falar com outro homem. Fifi não podia sair de casa sem a sua permissão. E o que era mais preocupante é que Fifi, a mal-humorada, a animada Fifi, deixava aquele homem dizer a ela o que ela podia ou não fazer (ALVAREZ, 1992, p. 120-121, tradução nossa).

<sup>12</sup> “Isto”, disse Manuel Gustavo, segurando o livro no alto se como se fosse uma fralda suja, “é lixo em sua cabeça. Você tem coisas melhores para fazer.” Ele arremessa o livro na mesa de café, Fifi empalidece, embora sua maquiagem nas bochechas ruborize. Ela se levanta rapidamente, as mãos nos quadris, estreitando os olhos, a Fifi que conhecemos e amamos. “Você não tem direito de me dizer o que posso ou não posso fazer” “¿Que não?” Manuel a provoca. “Não!” Fifi afirma. Uma por uma, nós três irmãs nos retiramos, torcendo baixinho por Fifi em nossas respirações. Alguns minutos depois, ouvimos o barulho do jipe na estrada, e Fifi vem chorando para o quarto. “Fifi, ele pediu por isso”, nós dissemos. “Não deixe qu ele force você a nada. Você é um espírito livre”, lembramos a ela. Mas dentro de uma hora, Fifi já estava ao telefone com Manuelito, pedindo perdão (ALVAREZ, 1992, p. 120-121).

escolarizadas da década de setenta. Elas não queriam que Sofia se tornasse uma Tia Carmen ou tantas outras tias que moravam na República Dominicana: eram casadas com maridos infiéis. Muitas vezes estas tias não desconheciam a infidelidade dos maridos, mas aceitavam a situação por acreditar que isso fazia parte da natureza do homem. Antes de planejar o que fariam para tentar abrir os olhos de Fifi a fim de resgatar a irmã assertiva e emancipada que saíra dos Estados Unidos, Carla, Sandra e Yolanda decidem ter uma conversa com o primo Manuel:

Yoyo begins by asking him if he's ever heard of Mary Wollstonecraft. How about Susan B. Anthony? Or Virginia Woolf? "Friends of yours?" he asks. [...] Yoyo turns Manuel's interview to Carla, who's good at befriending with small talk. [...] "Manuel, why do you feel so upset when Fifi is own her own?" [...] "Women don't do that here." Manuel Gustavo's foot, posed on his knees, shakes up and down. "Maybe you do things different in the United States." His tone is somewhere between a tease and a taunt. "But where does it get those *gringas*? Most of them divorce or stay jamona, with nothing better to do than take drugs and sleep around." [...] "Manuel," Carla pleads. "Women do have rights here too, you know. Even Dominican Law grants that." "Yes, women have rights," Manuel Gustavo agrees. A wry smile spreads on his face: he is about to say something clever. "But men wear the pants." The revolution is on. We have one week left to win the fight for our Fifi's heart and mind<sup>13</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 122-123).

Os dois mundos onde agenciavam suas identidades hifenizadas possuíam opiniões diferentes em relação à emancipação e ao direito das mulheres perante a sociedade. Aparentemente a sociedade estadunidense era mais aberta a questões sobre a autonomia e a importância da mulher em seu funcionamento enquanto a da República Dominicana ainda se valia de conceitos retrógrados nos quais as mulheres deveriam ser submissas aos comandos e vontades dos homens. Carla, Sandra e Yolanda sabiam que a luta não seria fácil, pois muitos homens e mulheres da ilha concordavam com a segregação da relevância e dos valores entre homens e mulheres:

We don't even try anymore to raise consciousness here. [...] Once, we did take on Tía Flor, who indicated her large house, the well-kept grounds, the

---

<sup>13</sup> Yoyo começa perguntando-lhe se ele já tinha ouvido falar de Mary Wollstonecraft. Ou quem sabe Susan B. Anthony? Virginia Woolf? "Suas amigas," ele perguntou. [...] Yoyo transfere a entrevista de Manuel para Carla, que é boa em fazer amizade usando sua conversa fiada. [...] "Manuel, por que você se sente tão chateado quando Fifi toma as suas próprias decisões?" [...] "As mulheres não fazem isso aqui." O pé de Manuel Gustavo, em cima de seus joelhos, balança para cima e para baixo. "Talvez vocês façam as coisas de modo diferentes nos Estados Unidos." O tom dele era algo entre uma provocação e um insulto. "Mas para onde isso tudo leva essas gringas? A maioria delas se divorcia ou fica solteirona, sem nada melhor para fazer do que consumir drogas e transar com vários homens." [...] "Manuel", Carla implora. "As mulheres têm direitos aqui também, sabia. Mesmo a lei da República Dominicana lhes concede isso." "Sim, as mulheres têm direitos," Manuel Gustavo concorda. Um sorriso irônico se abre em seu rosto: ele está prestes a dizer algo inteligente. "Mas os homens usam as calças." A revolução está decretada. Temos uma semana para ganhar a luta e resgatar o coração e a mente de Fifi (ALVAREZ, 1992, p. 122-123, tradução nossa).

stone Cupid who had been re-routed so it was his mouth that spouted water. “Look at me, I’m a queen”, she argued. “My husband has to go to work every day. I can sleep until noon, if I want. I’m going to protest for my *rights?*”<sup>14</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 121, grifo da autora).

Se grande parte das mulheres dominicanas apoiava a segregação dos gêneros e considerava a dominação e a aparente superioridade masculina algo comum dentro da sociedade da República Dominicana, por razões óbvias, os homens não se portariam de modo diferente:

The patio is sex segregated – the men sit to one side, smoking their cigars and tinkling their rum drinks. The women lounge on wicker armchairs by the wall lamps, exclaiming over whatever there is to be exclaimed about. [...] Mundín [the girls’ cousin] laughs. We narrow our eyes at him. When he’s in the States, where he went to prep school and is now in college, he’s one of us, our buddy. But back on the Island, he struts and turns macho, needling us with the unfair advantage being male here gives him<sup>15</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 128-129).

Apesar das muitas conversas e apelos para que a irmã caçula acabasse seu relacionamento com o primo, Sofía não concordava com a opinião das irmãs e parecia cada vez mais ligada a Manuel. O impulso derradeiro para que Carla, Sandra e Yolanda acabassem de vez com o namoro de Sofía foi saber que a relação deles estava ficando mais séria e Manuel Gustavo insistia para que eles tivessem a sua primeira relação sexual. Desde que chegou à ilha, Sofia não tomava contraceptivos e não podia comprá-los em nenhum lugar na ilha, já que por ser uma “García de la Torre”, ela seria rapidamente delatada para uma de suas tias e, por consequência, por sua mãe, que a questionaria sobre a necessidade de tomar tais remédios, já que uma moça dominicana de respeito deve se casar virgem. Além disso, seu namorado Manuel, se recusava a usar preservativos:

She [Sofia] admitted that the stuff is getting more and more to the point, and the problem is that she has no contraception. [...] And Manuel won’t wear a rubber. “He thinks it might cause impotence,” Fifi says, smiling sweetly, cherishing his cute male ignorance. “Jesus, Fifi!” Sandi sighs. “Tell him that

---

<sup>14</sup> Nós nem sequer tentávamos mais aguçar a consciência aqui. [...] Uma vez, tentamos abrir os olhos de Tia Flor, que nos mostrou a sua grande casa, os seus jardins bem cuidados, o seu Cupido de pedra que havia sido reposicionado de forma que a sua boca jorrasse água. “Olhem para mim, eu sou uma rainha”, ela argumentava. “Meu marido tem que ir para o trabalho todos os dias. Eu posso dormir até meio-dia, se eu quiser. Vocês acham que eu vou protestar pelos meus *direitos?*” (ALVAREZ, 1992, p. 121, grifo da autora, tradução nossa).

<sup>15</sup> O pátio era uma segregação de gêneros – os homens sentam-se para um lado, fumando seus charutos e tilintando suas bebidas de rum. As mulheres se sentam do outro, em um salão com poltronas de vime próximas aos candeeiros da parede, conversando sobre o que quer que haja para ser falado. [...] Mundín [primo das meninas] ri. Nós fechamos nossos olhos para ele. Quando ele está nos Estados Unidos, onde ele foi para estudar o ensino médio e agora está na faculdade, ele é um de nós, o nosso amigo. Mas de volta à ilha, ele apóia o sistema e se transforma em um macho, esfregando em nossas caras a vantagem injusta que a ilha lhe concede por ser homem (ALVAREZ, 1992, p. 128-129, tradução nossa).

not using one most surely can cause pregnancy.” A pregnant Fifi would have to do what is always done in such cases on the Island – marry immediately and brace herself for the gossip when her “premature baby” comes out fat and fully grown<sup>16</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 123).

O pensamento de ver Sofía grávida, casada e presa eternamente aos costumes machistas da República Dominicana fez com que suas irmãs mais velhas confabulassem um plano para que o namoro entre Manuel e Sofia acabasse de vez e obrigasse a irmã caçula a regressar para os Estados Unidos o quanto antes. Todas as noites, os jovens da família García saíam para se divertir na ilha. Carla, por ser a irmã mais velha, tinha que vigiar Sofía e Manuel e nunca podia deixá-los sozinhos, sempre os acompanhando dentro e fora do carro do primo. Entretanto, sempre que chegava ao destino desejado, Carla se separava do casal. Todos os primos tinham que esperar o tempo estipulado por Manuel e Sofía para que eles pudessem namorar à vontade, pois voltar para a casa sem a presença dos dois era algo inadmissível.

As irmãs então planejam com a prima Lucinda, irmã de Mundín e dono do outro carro que levava os primos para passear, uma repentina cólica menstrual que fizessem com que eles tivessem que voltar para casa para que ela tomasse um remédio e usasse um absorvente. Relutante, Mundín diz que não deve deixar Manuel e Sofia a sós, mas o sofrimento de Lucinda faz com que ele volte para casa com a irmã e as outras três primas:

The patio is packed with relatives. Mundín hurries over to the men’s side, knowing the bomb will explode among the women. We sisters go on our rounds, kissing all the aunts. Tía Fidelina’s milk dark eyes are almost totally sightless. “And which one is the *novia*?” she asks, squinting at her nieces. “Yes,” Mami agrees. “Where is Fifi?” “With Manuel,” Sandi offers smoothly. Her tone implies we have no problem with that. “Where are they?” Mami asks more emphatically. Carla shrugs. “How should we know?” There is an embarrassed silence in which the words *her reputation* are as palpable as if someone had hung a wedding dress in the air. Tía Carmen sighs. Tía Fidelina unfolds her fan of overly-gorgeous roses. Tia Flor smiles wildly at the rest of us and asks us if we had a nice time. Mami look past the crowd at Papi, over there happily exchanging dictatorship stories with the other men<sup>17</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 129-130, grifos da autora).

---

<sup>16</sup> Ela [Sofia] admitiu que o clima entre eles estava esquentando cada vez mais e o problema é que ela não tinha contraceptivo. [...] E Manuel disse que não usaria camisinha. “Ele acha que pode causar impotência”, Fifi contava, sorrindo docemente, apoiando a atraente ignorância masculina de Manuel. “Jesus, Fifi!” Sandi suspirava. “Diga a ele que não usar camisinha certamente pode causar gravidez. “Uma Fifi grávida teria que fazer o que é sempre feito nestes casos na ilha – se casar imediatamente e preparar-se para as fofocas quando o seu “bebê prematuro” nascesse gordo e completamente crescido (ALVAREZ, 1992, p. 123, tradução nossa).

<sup>17</sup> O pátio está repleto de parentes. Mundín corre para o lado dos homens, sabendo que a bomba vai explodir entre as mulheres. Nós, irmãs, nos revezamos, beijando todas as tias. Os olhos escuros de Tia Fidelina estão quase totalmente cegos. “E qual delas está namorando”, ela pergunta, apertando seus olhos em direção as suas sobrinhas. “Sim”, Mamãe concorda. “Onde está a Fifi?” “Com Manuel,” Sandi responde de forma inocente. Seu tom implica que não há nenhum problema com isso. “Onde eles estão?” Mamãe pergunta mais enfaticamente. Carla levanta os

Laura García exige que Carla, Sandra e Yolanda a sigam para o quarto de Tia Carmen. A cunhada de Laura vai atrás para tentar acalmar os ânimos de todas. No quarto, a mãe das García demonstra toda a sua decepção e descontentamento com as filhas, e repreende Carla por não ter esperado por Sofia. Depois faz questão de enumerar as várias razões que as tornam filhas terríveis. Porém, o que mais preocupa Laura é a reação do pai das meninas:

Finally, she swears, in front of our aunt, that Fifi is going back with us. “If your father should find out!” Our mother shakes her head, reviewing the consequences. Rather anticlimactically, she adds, “A disgrace to the family.” “*Ya, ya.*” Tía Carmen lifts her hands for her sister-in-law to stop. “These girls have lived so long away, they have gotten American ways.” “American ways!” Mami cries. “Fifi’s been living here for six months. That’s no excuse.” [...] Mami shakes her head conclusively. “If she can’t behave herself here, she goes back with us, period! I’m not going to send them anymore to cause trouble!”<sup>18</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 130).

Por fim, mesmo tendo conseguido convencer a mãe a levar Sofía de volta para os Estados Unidos, pensando que haviam feito o melhor para a irmã caçula; Carla, Sandra e Yolanda se sentem um pouco culpadas e tentam criar desculpas pelo o que acabara de acontecer. As três irmãs mais velhas de Sofía acreditavam que ela logo se recuperaria da decepção, por ter somente dezesseis anos, rapidamente se esqueceria de Manuel. Perto da meia noite, quase todos os parentes já haviam deixado a casa e só se encontravam no recinto aqueles que lá residiam. Sofia é deixada em casa por Manuel e vai ao encontro da mãe e a tia. Pouco tempo depois, após um interrogatório esgotante, a irmã mais nova retorna para o quarto onde as quatro dormiam e começa a fazer a malas. Ao tentar descobrir o que havia acontecido no quarto de Tia Carmen, Sofia chama as irmãs de traidoras e sai para dormir no quarto da prima Carmecita.

Após a vitória de poder levar Sofía de volta para os Estados Unidos, as outras García tinham uma preocupação em mente: a proibição de não retornar mais à ilha. Carmen, a tia das meninas, insiste para que a cunhada não siga em frente com a o castigo de retê-las nos EUA:

---

ombros. “Por que deveríamos saber?” Há um silêncio constrangedor no qual as palavras *a reputação de Sofía* são tão palpáveis como se alguém tivesse pendurado um vestido de noiva no ar. Tia Carmen suspira. Tia Fidelina desdobra seu leque de rosas excessivamente lindas. Tia Flor sorri descontroladamente para o resto de nós e nos pergunta se tínhamos nos divertido. Mamãe olha através da multidão em direção ao Papai, que muito feliz conta histórias da ditadura para os outros homens (ALVAREZ, 1992, p. 129-130, grifos da autora, tradução nossa).

<sup>18</sup> Finalmente, ela jura, na frente da nossa tia, que Fifi vai voltar com a gente. “Se o pai dela descobrir!” Nossa mãe balança a cabeça, revendo as consequências. E quase que de forma anticlimática, ela acrescenta: “Uma desgraça para a família.” “*Ya, ya.*” Tia Carmen levanta suas mãos na direção de sua cunhada para que ela pare. “Essas meninas moram tanto tempo longe, já estão americanizadas.” “Americanizadas”, Mamãe grita. “Fifi já vive aqui há seis meses. Isso não é desculpa.” [...] Mamãe balança a cabeça de forma conclusiva. “Se ela não sabe se comportar aqui, ela volta com a gente, ponto final! Eu não vou mandá-las mais aqui para causar problemas!” (ALVAREZ, 1992, p. 130, tradução nossa).

“Don’t forget, these girls are my girls, too. And they’re good girls, no trouble at all. What would I do” [...] “if I didn’t get to have them with me every year?” We look at each other, and then, drop our gaze to hide our confusion. We are free at last, but here, just at the moment gates swings open, and we can fly the coop, Tía Carmen’s love revives our old homesickness. It’s like this monkey experiment Carla read about in her clinical psych class. These baby monkeys were kept in a cage so long, they wouldn’t come out when the doors were finally left open. Instead, they stayed inside and poked their arms through the bars for their food, just out of reach<sup>19</sup> (ALVAREZ, 1992, p. 130-131).

No final, assim como os filhotes de macacos da experiência mencionada pela personagem Carla, as irmãs García experimentam um conflito ao terem que conciliar os espaços de sua hibridez. Ao terem a chance de poder escolher como agir, ou até mesmo decidir em qual mundo ficar, o dominicano ou estadunidense, as García se sentem um pouco desorientadas. Parece que encarar a necessidade de ter de optar entre uma ou outra esfera está fora de seu alcance e pode se tornar até mesmo sufocante. Elas parecem se sentir mais à vontade permanecendo entre ambos. Deste modo, elas levam Sofia de volta aos Estados Unidos por acreditarem que uma mulher deveria combater o favorecimento masculino de uma sociedade, mas ainda permanecem inseguras quando tem que enfrentar o questionamento de que mundos realmente pertencem. Com isso, as irmãs García são aquelas que parecem ter que constantemente modificar a forma de agir e pensar perante uma sociedade, já que o processo de adaptação pode ser o passo necessário em sua procura de identificação tanto com a cultura caribenha quanto com a cultura hegemônica estadunidense.

## Referências

ALVAREZ, J. 33. *In: \_\_\_\_\_*. **Homecoming: new and collected poems**. New York: Plume, 1984.

\_\_\_\_\_. **How the Garcia Girls Lost their Accents**. New York: Plume, 1991.

\_\_\_\_\_. **Something to declare**. Chapel Hill: Algonquin Books Chapel Hill, 1998.

BRAH, A. Diaspora, border and transitional identities. *In: \_\_\_\_\_*. **Cartographies of Diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 1996. p. 178-210.

---

<sup>19</sup> “Não se esqueça, essas meninas são minhas filhas também. E elas são boas meninas, não causam nenhum problema. O que eu farei” [...] “se eu não as tiver comigo todos os anos? “Nós nos olhamos e, em seguida, desviamos o nosso olhar para esconder a nossa confusão. Nós éramos livres afinal, mas aqui, no momento que os portões se abrem, e nós podemos voar para fora da gaiola, o amor de Tia Carmen revive o nosso nostálgico sentimento de saudade de casa. É como aquela experiência com macacos que Carla leu em uma de suas aulas de psicologia clínica. Filhotes de macacos tinham sido mantidos em uma jaula por tanto tempo que não saíam quando as portas eram finalmente abertas. Em vez disso, eles ficavam dentro da jaula com a porta aberta e enfiavam seus braços através das barras para pegar a comida que se encontrava fora de seu alcance (ALVAREZ, 1992, p. 130-131, tradução nossa).

FLORES, J.; YÚDICE, G. Fronteiras Vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) Y Nosotros Latinoamericanas? Estudo sobre gênero e raça.* São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

REIS, E. L. L. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso latino-americano. *In: \_\_\_\_\_.* **Uma literatura nos trópicos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

TORRES, S. **Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografias de resistência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. US Americans and ‘Us’ Americans: South Americans perspectives on Comparative American Studies. *In: Comparative American Studies. An American Journal*, v. 1, n. 1, p. 9-17, 2003.

Texto recebido em: 10/10/2020.

Aceito em: 07/07/2021.